

Aos Vinte Anos

Aluísio Azevedo

Abri minha janela sobre a chácara. Um bom cheiro de resedás e laranjeiras entrou-me pelo quarto, de camaradagem com o sol, tão confundidos que parecia que era o sol que estava recendendo daquele modo. Vinham ébrios de Abril. Os canteiros riam pela boca vermelha das rosas; as verduras cantavam, e a república das asas papeava, saltitando, em conflito com a república das folhas. Borboletas doidejavam, como pétalas vivas de flores animadas que se desprendessem da haste.

Tomei a minha xícara de café quente e acendi um cigarro, disposto à leitura dos jornais do dia. Mas, ao levantar os olhos para certo lado da vizinhança, dei com os de alguém que me fitava; fiz com a cabeça um cumprimento quase involuntário, e fui deste bem pago, porque recebi outro com os juros de um sorriso; e, ou porque aquele sorriso era fresco e perfumado como a manhã daquele Abril, ou porque aquela manhã era alegre e animadora como o sorriso que dasabotoou nos lábios da minha vizinha, o certo foi que neste dia escrevi os meus melhores versos e no seguinte conversei a respeito destes com a pessoa que os inspirou.

Chamava-se Ester, e era bonita. Delgada sem ser magra; morena, sem ser trigueira; afável, sem ser vulgar: uns olhos que falavam todos os caprichosos dialetos da ternura; uma boquinha que era um beijo feito de duas pétalas; uns dentes melhores que as joias mais valiosas de Golconda; cabelos mais lindos do que aqueles com que Eva escondeu o seu primeiro pudor no paraíso.

Fiquei fascinado. Ester enleou-me todo nas teias da sua formosura, penetrando-me até ao fundo da alma com os irresistíveis tentáculos dos seus dezesseis anos. Desde então conversamos todos os dias, de janela contra janela. Disse-me que era solteira, e eu jurei que seríamos um do outro.

Perguntei-lhe uma vez se me amava, e ela, sorrindo, atirou-me com um bogari que nesse momento trazia pendente dos lábios.

Aí! Sonhei com a minha Ester, bonita e pura, noites e noites seguidas. Idealizei toda uma existência de felicidade ao lado daquela meiga criatura adorável; até que um dia, já não podendo resistir ao desejo de vê-la mais de perto, aproveitei-me de uma casa à sua contígua, que estava para alugar, e consegui, galgando o muro do terraço, cair-lhe aos pés, humilde e apaixonado.

– Ui! Que veio o senhor fazer aqui? perguntou-me trêmula, empalidecendo.

– Dizer-te que te amo loucamente e que não sei continuar a viver sem ti! suplicar-te que me apresente a que devo pedir a tua mão, e que marques um dia para o casamento, ou então que me emprestes um revólver e me deixes meter aqui mesmo duas balas nos miolos!

Ela, em vez de responder, tratou de tirar-se do meu alcance e fugiu para a porta do terraço.

– Então?... Nada respondes?... inquiri no fim de alguns instantes.

– Vá-se embora, criatura!

– Não me amas?

– Não digo que não; ao contrário, o senhor é o primeiro rapaz de quem eu gosto, mas vá-se embora, por amor de Deus!

– Quem dispõe de tua mão?

– Quem dispõe de mim é meu tutor...

– Onde está ele? Quem é? Como se chama?

– Chama-se José Bento Furtado. É capitalista, comendador, e deve estar agora na praça do comércio.

– Preciso falar-lhe.

- Se é para pedir-me em casamento, declaro-lhe que perde o seu tempo.
- Por quê?
- Meu tutor não quer que eu case antes dos vinte anos e já decidiu com quem há de ser.
- Já?! Com quem é?
- Com ele mesmo.
- Com ele? Oh! E que idade tem seu tutor?
- Cinquenta anos.
- Jesus! E a senhora consente?...
- Que remédio! Sou órfã, sabe? De pai e mãe... Teria ficado ao desamparo desde pequenina se não fosse aquele santo homem.
- É seu parente?
- Não, é meu benfeitor.
- E a senhora ama-o?...
- Como filha sou louca por ele.
- Mas esse amor, longe de satisfazer a um noivo, é pelo contrário um sério obstáculo para o casamento... A senhora vai fazer a sua desgraça e a do pobre homem!
- Ora! O outro amor virá depois...
- Duvido!
- Virá à força de dedicação por parte dele e de reconhecimento por minha parte.

- Acho tudo isso imoral e ridículo, permita que lho diga!
 - Não estamos de acordo.
 - E se eu me entender com ele? Se lhe pedir que me dê, suplicar, de joelhos, se preciso for?... Pode ser que o homem, bom, como a senhora diz que é, se compadeça de mim, ou de nós, e...
 - É inútil! Ele só tem uma preocupação na vida: ser meu marido!
 - Fugamos então!
 - Deus me livre! Estou certa de que com isso causaria a morte do meu benfeitor!
 - Devo, nesse caso, perder todas as esperanças de...?
 - Não! Deve esperar com paciência. Pode bem ser que ele mude ainda de ideia, ou, quem sabe? Pode ser que morra antes de realizar o seu projeto...
 - E acha a senhora que esperarei, sabe Deus por quanto tempo! Sem sucumbir à violência da minha paixão? ...
 - O verdadeiro amor a tudo resiste, quando mais ao tempo! Tenha fé e constância é só o que lhe digo. E adeus.
 - Pois adeus!
 - Não vale zangar-se. Trepe de novo ao muro e retire-se. Vou buscar-lhe uma cadeira.
 - Obrigado. Não é preciso. Faço todo o gosto em cair, se me escorregar a mão! Quem me dera até que morresse da queda, aqui mesmo!
 - Deixe-se de tolices! Vá!
- Saí; saí ridiculamente, trepando-me pelo muro, como um macaco, e levando o desalento no coração. Ah! maldito tutor dos diabos!

Velho gaiteiro e libertino! Ignóbil maluco, que acabava de transformar em fel todo o encanto e toda a poesia da minha existência! A vontade que eu sentia era de matá-lo; era de vingarme ferozmente da terrível agonia que aquele monstro me ferrara no coração!

– Mas não as perdes, miserável! Deixa estar! Prometia eu com os meus botões.

Não pude comer, nem dormir, durante muitos dias. Entretanto, a minha adorável vizinha falava-me sempre, sorria-me, atirava-me flores, recitava os meus versos e conversava-me sobre o nosso amor. Eu estava cada vez mais apaixonado.

Resolvi destruir o obstáculo da minha felicidade. Resolvi dar cabo do tutor de Ester.

Já o conhecia de vista; muita vez encontramo-nos à volta do espetáculo, em caminho de casa. Ora a rua em que habitava o miserável era escusa e sombria... Não havia que hesitar: comprei um revólver de seis tiros e as competentes balas.

– E há de ser amanhã mesmo! jurei comigo.

E deliberei passar o resto desse dia a familiarizar-me com a arma no fundo da chácara; mas logo às primeiras detonações os vizinhos protestaram; interveio a polícia, e eu tive de resignar-me a tomar um bode da Tijuca e ir continuar o meu sinistro exercício no hotel Jordão.

Ficou, pois, transferido o terrível desígnio para mais tarde. Eram alguns dias de vida que eu concedia ao desgraçado.

No fim de uma semana estava apto a disparar sem receio de perder a pontaria. Voltei para o meu cómodo de rapaz solteiro; acendi um charuto; estirei-me no canapé e dispus-me a esperar pela hora.

– Mas, pensei já à noite, quem sabe se Ester não exagerou a cousa? ... Ela é um pouquinho imaginosa... Pode ser que, se eu falasse ao tutor de certo modo... Hein? Sim! É bem possível que o homem se

convencesse e... Em todo o caso, que diabo, nada perderia eu em tentar!... Seria até muito digno de minha parte...

– Está dito! resolvi, enterrando a cabeça entre os travesseiros. Amanhã procuro-o; faço-lhe o pedido com todas as formalidades; se o estúpido negar, insisto, falo, discuto; e, se ele, ainda assim, não ceder, então bem - Zás! Morreu! Acabou-se!

No dia imediato, de casaca e gravata branca, entrava eu na sala de visitas do meu homem.

Era domingo, e apesar de uma hora da tarde, ouvi barulho de louça lá dentro.

Mandei o meu cartão. Meia hora depois apareceu-me o velhote, de rodaque branco, chinelas, sem colete, palitando os dentes.

A gravidade do meu traje desconcertou-o um tanto. Pediu-me desculpa por me receber tão à frescata, ofereceu-me uma cadeira e perguntou-me ao que devia a honra daquela visita.

Que, lhe parecia, tratava-se de cousa séria...

– Do que há de mais sério, senhor comendador Furtado! Trata-se da minha felicidade! Do meu futuro! Trata-se da minha própria vida!...

– Tenha a bondade de pôr os pontos nos ii...

– Venho pedir-lhe a mão de sua filha...

– Filha?

– Quer dizer: sua pupila...

– Pupila! ...

– Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e por quem sou correspondido com igual ardor! Se ela não o declarou ainda a V.S.a é porque receia com isso contrariá-lo; creia, porém, senhor comendador, que...

- Mas, perdão, eu não tenho pupila nenhuma!
- Como? E D. Ester? ...
- Ester?! ...
- Sim! A encantadora, a minha divina Ester! Ah! Ei-la! É essa que aí chega! exclamei, vendo que a minha estremecida vizinha surgiu na saleta contígua.
- Esta?! ... balbuciou o comendador, quando ela entrou na sala, mas esta é minha mulher!...
- ?! ...

Este e-texto pode ser livremente:

1º Distribuído com ou sem fins comerciais.

2º Modificado, desde que retirado o título, o nome do autor e do editor.

Texto sob domínio público.

Última revisão: dom 19/out 14 — 01:30:03

Edição eletrônica por Rafael Palma